

<https://doi.org/10.53924/pswr.05>

Capítulo
05

CORRELAÇÕES ENTRE
INTERNAÇÕES POR
INFECÇÕES SEXUALMENTE
TRANSMISSÍVEIS E NEOPLASIA
MALIGNA EM COLO DE ÚTERO

CORRELAÇÕES ENTRE INTERNAÇÕES POR INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS E NEOPLASIA MALIGNA EM COLO DE ÚTERO

Correlations Between Hospitalizations for Sexually Transmitted Infections and Malignant Neoplasms in Cervix

Cássia De Melo Almeida ¹
Maria Júlia Zini Sitta ²
Jordana Souza Silva ³
Alberto Gabriel Borges Felipe ³
Wellington Francisco Rodrigues ³

¹ Biomédica pela Faculdade de Quirinópolis, FAQUI, Quirinópolis, GO, Brasil.

² Curso de Medicina pela Universidade Municipal de São Caetano do Sul - USCS, SP, Brasil.

³ Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, UFTM, Uberaba, MG, Brasil.

RESUMO

As neoplasias malignas de colo de útero constituem um importante problema de saúde pública. Os principais fatores de risco para o desenvolvimento do câncer uterino são: início precoce da atividade sexual, múltiplos parceiros sexuais e baixa condição socioeconômica, o que está intimamente ligado com as infecções transmitidas por via sexual. O monitoramento dos índices de internações devido as infecções sexualmente transmissíveis é importante, pois o agravamento destas doenças pode ocasionar o câncer de colo de útero. Por conseguinte, o presente estudo, teve o intuito de correlacionar as internações por infecções sexualmente transmissíveis com a o câncer de útero de acordo com as regiões do Brasil. O estudo foi realizado de forma retrospectiva no período de 10 anos (2008 a 2018). Os dados foram obtidos em bases de dados do Ministério da Saúde (DataSus, tabnet, epidemiológicas e morbidade). Os resultados foram tabulados no programa Excel® da Microsoft levando em consideração apenas a população feminina, e analisados no programa da graphpad “prisma”, versão 7.0. Foi observado que os maiores índices de internações por infecções sexualmente transmissíveis foram nas regiões Norte, Sudeste e Sul. No entanto, ao analisar os índices de neoplasia maligna por câncer de colo de útero tem-se números mais elevados nas regiões Sul, Centro-Oeste e Nordeste. Por conseguinte, ao relacionar as duas enfermidades em âmbito nacional temos números proporcionais, indicando uma influência das infecções sexualmente transmissíveis ao número de ocorrência de internações por neoplasia maligna do câncer do colo do útero.

Palavras-chave: Saúde-pública, neoplasias malignas do colo do útero e infecções sexualmente transmissíveis.

Abstract

The malignant neoplasms of the cervix are an important public health problem. The main risk factors for the development of uterine cancer are: early initiation of sexual activity, multiple sexual partners and low socioeconomic status, which is closely linked to sexually transmitted infections. Monitoring the rates of admissions by region of sexually transmitted infections is important, as their worsening can lead to cervical cancer. Therefore, this study aims to correlate hospitalizations for sexually transmitted infections with uterine cancer according to regions in Brazil. The study was carried out retrospectively over a 10-year period (2008 to 2018). Data were obtained from databases of the Ministry of Health (DataSus, tabnet, epidemiological and morbidity). The results were tabulated in Microsoft's Excel® program, taking into account only the female population, and analyzed in the graphpad program "prism", version 7.0. It was observed that the highest rates of hospitalization for sexually transmitted infections were in the North, South-East and South regions. However, when analyzing the rates of malignant neoplasms caused by cervical cancer, higher numbers are found in the South, Midwest and Northeast regions. Therefore, when relating the two diseases nationwide, we have proportional numbers, indicating an influence of sexually transmitted infections on the number of hospitalizations for malignant neoplasms of cervical cancer.

Keywords: Public health, malignant neoplasms of the cervix and sexually transmitted infections.

1. INTRODUÇÃO

As neoplasias malignas constituem importantes problemas de saúde pública, principalmente em decorrência do aumento do número médio de anos de vida do brasileiro, de sua maior exposição a fatores de riscos ambientais e de modificação nos hábitos de vida. ⁽¹⁾ Os principais fatores de risco para o desenvolvimento do câncer uterino são: início precoce da atividade sexual, múltiplos parceiros sexuais, tabagismo, baixa condição socioeconômica, multiparidade, entre outros. ⁽²⁾

No Brasil, o rastreamento recomendado pelo Ministério da Saúde é a realização do exame Papanicolaou ou colpocitologia oncótica, sendo a mulher submetida à colposcopia quando o resultado estiver alterado. ⁽³⁾ Dentre as neoplasias do trato genital feminino, destaca-se o câncer cervical, ou câncer do colo do útero, o segundo tipo de câncer mais comum entre as mulheres no mundo. No Brasil, estima-se que o câncer cervical seja o terceiro mais frequente na população feminina, representando 10% de todos os tumores malignos, apenas superado pelo câncer de pele não melanoma e de mama, e sendo classificado como a quarta causa de morte por câncer em mulheres. ⁽⁴⁾

As Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) são problemas que tem uma alta incidência e uma deficiência no seu tratamento, devido à dificuldade de acesso. Em 2012 a incidência global foi estimada em 357,4 milhões de novos casos de IST curáveis no mundo, na faixa etária de 15 a 49 anos, a maioria deles em países em desenvolvimento. ⁽⁵⁾

A vida sexual da maioria dos indivíduos ocorre na adolescência, acontecendo sem qualquer medida preventiva, sendo o preservativo esquecido nesse momento, o que torna esse adolescente vulnerável. Segundo Amoras (2015) ⁽⁶⁾ quanto mais cedo ocorrer essa relação sexual, mais ele se torna vulnerável. Pois tais adolescentes acabam se relacionando com múltiplos parceiros, não tendo o devido cuidado com a sua saúde sexual, e conseqüentemente se contaminando com vários tipos de vírus, devido a uma percepção errônea sobre sexo seguro.

Desse modo, tem-se um problema preventivo e curativo das IST, mesmo com todos os avanços. Estimativas recentes como descrito por Xavier et al (2017) ⁽⁷⁾ apontam para a ocorrência de mais de dez milhões de novas IST que podem evoluir para doenças sintomáticas, como uretrites, cervicites, úlceras e verrugas genitais, ou

permanecerem assintomáticas, podendo estarem associadas também às causas do câncer de colo uterino.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), uma infecção persistente ou crônica de um ou mais tipos de papilomavírus humano (HPV) é considerada a causa primária do câncer de colo de útero (CCU). O HPV de alto risco é encontrado em 99,7% dos CCUs, sendo a infecção mais comumente adquirida por meio de relações sexuais, geralmente no início da vida sexual. Na maioria dos indivíduos afetados por esse vírus, as infecções são espontaneamente resolvidas. ⁽⁸⁾

No Brasil, as distintas características econômico-culturais, regionais e mesmo intraurbanas encontradas são capazes de gerar um padrão em que coexistem fatores relacionados à pobreza e ao desenvolvimento. A baixa condição socioeconômica interfere no acesso a serviços de prevenção, rastreamento regular, diagnóstico e tratamentos oportunos. ⁽⁹⁾

Assim, segundo Casarin e Piccoli ⁽¹⁰⁾ o CCU ainda é um problema de saúde pública no Brasil, onde as maiores taxas de prevalência e mortalidade são encontradas em mulheres com condições sociais e econômicas menos favorecidas. Deste modo, faz-se de interesse analisar os índices de internações por doenças sexualmente transmissíveis em comparação com os índices de internação por câncer de colo de útero.

Desta forma o objetivo deste estudo foi verificar possíveis correlações entre internações por Infecções sexualmente transmissíveis e neoplasia maligna em colo de útero nas macrorregiões do Brasil.

2. METODOLOGIA

O estudo foi realizado de forma retrospectiva no período de 10 anos (2008 a 2018). Trate-se de um estudo ecológico realizado em base de dados do Ministério da Saúde.

Os dados foram obtidos em bases de dados do Ministério da Saúde (DataSus, tabnet, epidemiológicas e morbidade). As informações por infecções sexualmente transmissíveis e neoplasia maligna em colo de útero nas macrorregiões do Brasil foram obtidas, bem como o número populacional para cada macrorregião. Os dados foram normalizados para 100 mil habitantes e comparados quanto às suas respectivas distribuições.

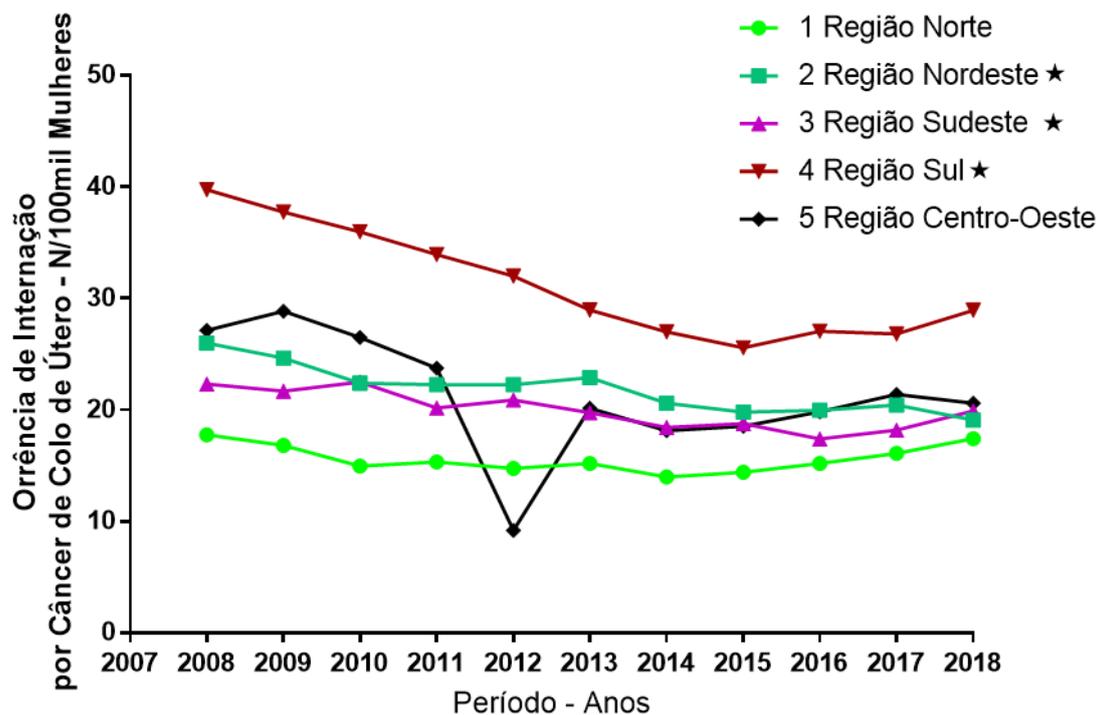
Os resultados foram tabulados no programa Excel® da Microsoft levando em consideração apenas a população feminina, e analisados no programa da graphpad “prisma”, versão 7.0.

Para obtenção dos dados foi utilizado o código internacional de doenças (CID-10, T86).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente foram verificadas as ocorrências de internação por câncer de colo de útero por 100 mil mulheres nas macrorregiões do Brasil no período de 2008 a 2018. Os resultados apontaram que houve um decaimento das taxas de ocorrências em todas as macrorregiões, exceto para a região Norte (Figura 1).

Figura 1. Distribuição das ocorrências de internação por câncer de colo de útero por 100 mil mulheres nas macrorregiões do Brasil no período de 2008 a 2018.

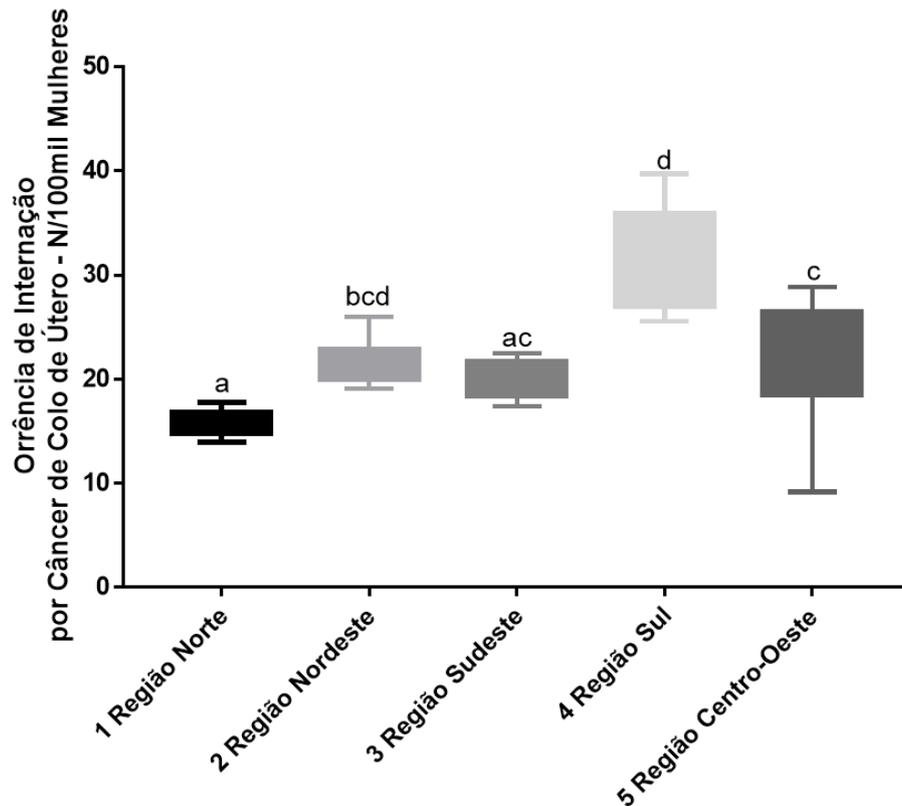


Fonte: Própria dos autores e da pesquisa.

Após observar as distribuições das prevalências dos casos de internação por câncer de colo uterino, foram comparadas as frequências entre as macrorregiões. Com isso, foi possível observar durante o período avaliado a região sul obteve maior

prevalência em comparação com as demais macrorregiões. Já a região norte, embora não esteja em queda de sua prevalência foi a macrorregião que apresentou menor distribuição média (Figura 2).

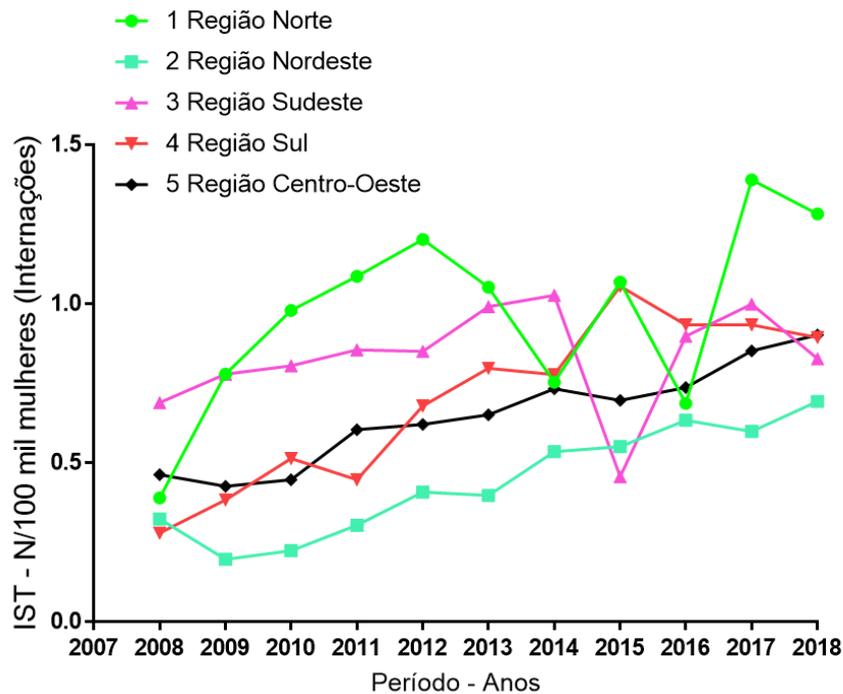
Figura 2. Comparação das distribuições das ocorrências de internação por câncer de colo de útero por 100 mil mulheres entre as macrorregiões do Brasil no período de 2008 a 2018.



Fonte: Própria dos autores e da pesquisa.

A infecções sexualmente transmissíveis também foram avaliadas quanto as suas ocorrências por macrorregiões. Diferente das ocorrências de câncer de colo uterino, após comparação do primeiro ano de avaliação do estudo (2008) com o último ano de avaliações (2018) houve uma elevação do número de ocorrências das ISTs em todas as macrorregiões (Figura 3).

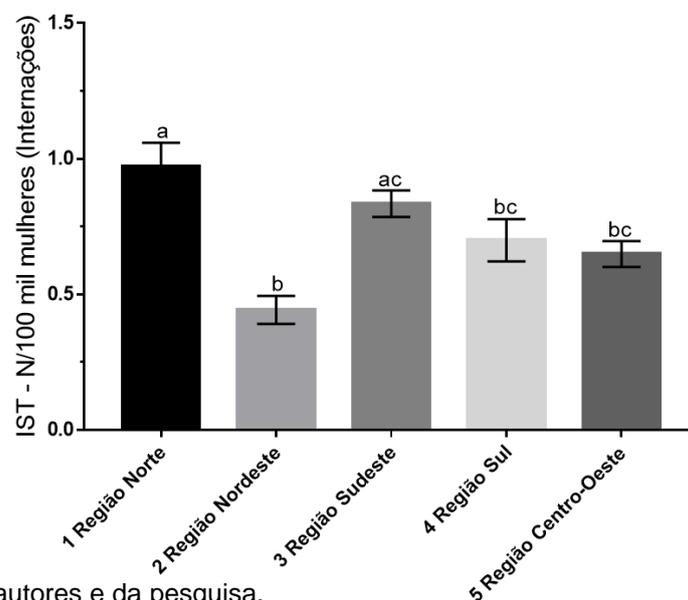
Figura 3. Distribuição das infecções sexualmente transmissíveis entre as diferentes macrorregiões do Brasil no período de 2008 a 2018.



Fonte: Própria dos autores e da pesquisa.

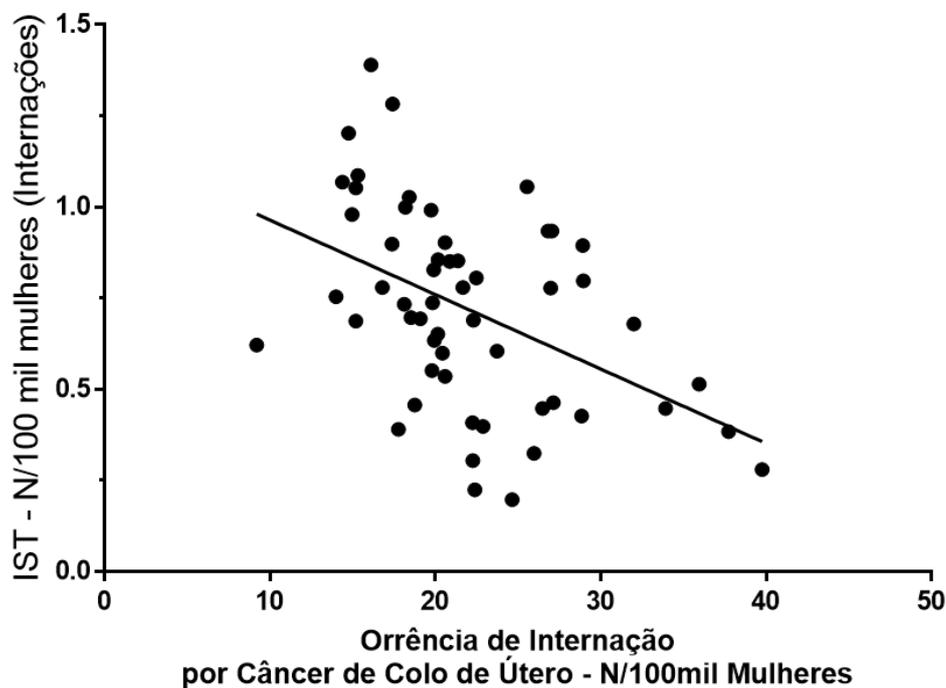
As frequências de infecções sexualmente transmissíveis foram comparadas entre as diferentes macrorregiões e foi possível observar que a região norte, em média possuiu maiores índices, seguida das regiões sudeste, sul, centro-oeste e nordeste (Figura 4).

Figura 4. Comparação das distribuições das ocorrências de infecções sexualmente transmissíveis por 100 mil mulheres entre as macrorregiões do Brasil no período de 2008 a 2018.



Fonte: Própria dos autores e da pesquisa.

Por fim, foi avaliada a possível correlação entre as ocorrências de infecções sexualmente transmissíveis e as ocorrências de câncer de colo uterino. Com os resultados obtidos, foi possível observar uma correlação negativa e estatisticamente significativa ($p < 0,05$) entre as duas variáveis (Figura 5).



Fonte: Própria dos autores e da pesquisa.

Acreditamos que os aumentos das notificações de infecções sexualmente transmissíveis possibilitam as intervenções terapêuticas, bem como as intensificações de medidas de prevenção aos pacientes acometidos por ISTs, e com isso uma possível diminuição das ocorrências de câncer de colo uterino.

Ainda, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, as estratégias para minimizar os casos de infecções sexualmente transmissíveis, assim como os seus potenciais desfechos estão associadas ao diagnóstico precoce e ações que visam a prevenção. ⁽¹¹⁾

4. CONCLUSÃO

Este levantamento permitiu conhecer a distribuição das frequências de ocorrências das infecções sexualmente transmissíveis e dos casos de câncer de colo uterino no período avaliado nas diferentes macrorregiões do Brasil.

Por conseguinte, ao relacionar as duas enfermidades em âmbito nacional temos números proporcionais, indicando uma influência dos diagnósticos das infecções sexualmente transmissíveis ao número de ocorrência de internações por neoplasia maligna do câncer do colo do útero, ou seja, quando o diagnóstico da infecção sexualmente transmissível é realizado, assim como a sua respectiva intervenção, há uma redução dos casos de câncer de útero.

Desta forma, o presente estudo permite fortalecer os indicadores sobre a importância dos exames ginecológicos de rotina como uma excelente estratégia para redução dos casos de câncer de útero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Paulino I, Bedin LP, Paulino L v. Estratégia Saúde da Família. São Paulo: Ícone Editora; 2009.
2. Souza AF de, Costa LHR. Conhecimento de Mulheres sobre HPV e Câncer do Colo do Útero após Consulta de Enfermagem. Revista Brasileira de Cancerologia. 2015;61(4):343–50. DOI: <https://doi.org/10.32635/2176-9745.RBC.2015v61n4.220>
3. Instituto Nacional do Câncer. Nomenclatura brasileira para laudos cervicais e condutas padronizadas. Recomendações para profissionais de saúde. Ministério da Saúde. 2006. p. 1–65.
4. Instituto Nacional do Câncer. Estimativas 2006: incidência de câncer no colo de útero. Ministério da Saúde. 2006.
5. Newman L, Rowley J, vander Hoorn S, Wijesooriya NS, Unemo M, Low N, et al. Global Estimates of the Prevalence and Incidence of Four Curable Sexually Transmitted Infections in 2012 Based on Systematic Review and Global Reporting. PloS one. 2015; 10(12). DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0143304>
6. Amoras BC, Campos AR, Beserra EP. Reflexões sobre vulnerabilidade dos adolescentes a infecções sexualmente transmissíveis. PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP. 2015 Jul 10;8(1):163–71
7. Xavier LD de A, Silva CF da, Torres EF, Almeida SMO, Santos RB dos. Câncer de colo uterino e infecção sexualmente transmissível: percepção das mulheres privadas de liberdade. Rev enferm UFPE on line. 2017;11(7):2743–50. DOI: 10.5205/reuol.10939-97553-1-RV.1107201713
8. World Health Organization (WHO). Comprehensive cervical cancer control: a guide to essential practice . WHO Press. 2014.
9. Barbosa IR, Souza DLB de, Bernal MM, Costa I do CC. Desigualdades regionais na mortalidade por câncer de colo de útero no Brasil: tendências e projeções até o ano 2030. Ciência & Saúde Coletiva [Internet]. 2016 ;21(1):253–62. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015211.03662015>
10. Casarin MR, Piccoli J da CE. Educação em saúde para prevenção do câncer de colo do útero em mulheres do município de Santo Ângelo/RS. Ciência & Saúde Coletiva. 2011;16(9):3925–32. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011001000029>
11. WORLD HEALTH ORGANIZATION. Progress report on HIV, viral hepatitis and sexually transmitted infections 2019: accountability for the global health sector strategies, 2016–2021. World Health Organization, 2019.